

ENSAIO | PEER REVIEWED

Uma Abordagem à Noção de Conhecimento Situado

Emanuel Cerebello González ^{1*}, Angélica Chantré Castro ², Ernesto Erdmenger Orellana ³, Virginia Tosto ⁴

¹ Sociedad de Capacitación Kintsugi, Asociación Chilena de Musicoterapia, Chile

² Universidad Nacional de Colômbia, Colômbia

³ Asociación de Musicoterapeutas en México, Universidad Humanitas, México

⁴ Universidad de Buenos Aires, Universidad Juan Agustín Maza, Argentina

* conocimientos.clam@gmail.com

Recebido 1 de abril de 2025; Aceito 21 de agosto de 2025; Publicado 3 de novembro de 2025

Editor: Juan Pedro Zambonini

Revisoras: Marianela Pacheco, Susan Hadley

Resumo

Os autores deste ensaio integram a Comissão de Construção de Conhecimentos do Comitê Latino-Americano de Musicoterapia. Neste artigo, propusemo-nos a investigar a genealogia da noção de conhecimentos situados. A noção surge a partir da teoria do ponto de vista (Harding, Haraway) e tem sido frutífera nos debates sobre as formas de construir conhecimentos que ocorreram durante a segunda metade do século XX. Em articulação com a geografia crítica, ela possibilitou questionar os pressupostos positivistas e propor que: a) os conhecimentos são construídos em condições sociais e históricas particulares, afetadas por processos políticos; b) daí se deriva que considerar os conhecimentos, incluindo os conhecimentos científicos, como universais, neutros e objetivos é um mito; c) as comunidades possuem privilégio epistêmico ao relatar suas experiências e realidades; d) o caráter situado não se refere a localizações geográficas, mas aos processos reflexivos e críticos levados adiante pelas comunidades.

Palavras-chave: construção de conhecimento; privilégio epistêmico; injustiça epistêmica

Comentário Editorial

Neste breve ensaio, os autores questionam-se sobre as condições necessárias para que os conhecimentos possam ser considerados situados. Suas reflexões nos levam a reconhecer o caráter performativo dos espaços nos quais realizamos nossas práticas profissionais, elaboramos teorias e investigamos. Eles apresentam situações de injustiça decorrentes do capitalismo cognitivo, mas, ao mesmo tempo e em consonância com as

perspectivas decoloniais, reivindicam sua posição de privilégio epistêmico para narrar o desenvolvimento da disciplina na região.

Introdução

A Comissão de Construção de Conhecimentos do Comitê Latino-Americano de Musicoterapia (doravante, CLAM) é um grupo de trabalho que foi formado no ano de 2021. Os objetivos da Comissão foram definidos no momento em que realizamos nosso primeiro debate: nosso campo de reflexão se concentraria na “Produção de conhecimento” ou na “Construção de conhecimentos”?

Cada uma dessas expressões, com suas implicações semânticas, mas também políticas, nos levou a refletir sobre os tipos de conhecimentos que circulam na Musicoterapia na América Latina e as maneiras pelas quais entramos em contato com a produção disciplinar internacional e/ou formalizamos nossas próprias práticas e as divulgamos.

Em diálogo com o trabalho de Zambonini, Díaz Abrahan e Tosto (2022), questionamos sobre a produção científica dos nossos países. Quais são as características dos artigos publicados por musicoterapeutas latino-americanos em revistas acadêmicas da região?

Para responder a essa pergunta, decidimos realizar uma análise bibliométrica, construída a partir de um banco de dados de documentos publicados em revistas latino-americanas: *Incantare*; *Brazilian Journal of Music Therapy* (Brasil); *Ecos*, *Puentes* e *Revista da Rede Latino-Americana de Musicoterapia para a Primeira Infância* (Argentina); e *Revista da Associação de Musicoterapeutas do Uruguai*, durante o período de 2016 a 2021. Os resultados deste trabalho de pesquisa foram apresentados no VIII Congresso Latino-Americano de Musicoterapia, em outubro de 2022, realizado na Argentina (Comissão de Construção de Conhecimentos – CLAM, 2022).

Ao analisar as informações obtidas, chegamos não a conclusões, mas à formulação de mais perguntas: que ações o CLAM poderia realizar para promover a escrita e a divulgação de conhecimentos disciplinares em cada um de seus países membros? Que redes de intercâmbio poderiam ser construídas com o objetivo de visibilizar as reflexões que os musicoterapeutas da região fazem sobre suas próprias práticas profissionais? Como se poderia incentivar a inclusão de análises qualitativas nos projetos de pesquisa, para que os resultados dos mesmos captem a riqueza do exercício profissional da Musicoterapia?; e Como poderíamos favorecer os processos de aprendizagem de novas perspectivas interpretativas para a Musicoterapia na América Latina?

Durante o ano de 2023, nosso trabalho se orientou para a valorização das tradições orais nos processos de construção e divulgação dos conhecimentos disciplinares. Essas reflexões foram plasmadas em dois podcasts realizados pela Comissão de Construção de Conhecimentos – CLAM (2023a, 2023b) e um terceiro podcast realizado em 2024 (Comissão de Construção de Conhecimentos – CLAM, 2024), encontros que nos levaram à noção de conhecimentos situados.

A Noção de Conhecimentos Situados: Antecedentes

Longe de poder mencionar todas as contribuições que ajudaram a formar e desenvolver a noção de conhecimentos situados, e tendo um interesse particular em conhecer sua genealogia, decidimos nos concentrar em dois campos que foram centrais para sua formulação: (1) a filosofia da ciência em chave feminista, a partir de seu desenvolvimento nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, e (2) os estudos de geografia histórica, com o trabalho de Nigel Thrift sobre formações espaciais.

Filosofia da Ciência em Perspectiva Feminista

Na segunda metade do século XX, algumas filósofas da ciência enunciaram uma perspectiva crítica sobre os processos de construção do conhecimento tal como eram propostos na academia americana (Haraway, 1995; Harding, 1987). Na versão padrão das práticas científicas, positivistas:

- O sujeito e o objeto do conhecimento se apresentam formando uma dicotomia: o sujeito cognoscente e o objeto de estudo estão separados, o sujeito que conhece não entra no espaço em que se encontra o objeto a ser conhecido.
- O sujeito que tem a capacidade de conhecer é um indivíduo universal, homogêneo, desencarnado, desconectado em certa medida de seu entorno. Ele tem o poder de ver sem ser visto e não se vê a si mesmo, pelo que carece de reflexão.
- As práticas visuais que são implementadas nos processos de produção de conhecimento (os experimentos) são aquelas em que o observador quer ver tudo, mas de nenhum lugar (olho fixo).
- O objetivo da ciência é produzir conhecimentos universais, valorativamente neutros e objetivos.
- O conhecimento é pensado como produção, seguindo a lógica do sistema capitalista que, em seu afã de acumulação, impulsiona a posição preponderante da bibliometria (bancos de dados, fatores de impacto).

Vamos nos deter um pouco neste último ponto. O impacto do capitalismo cognitivo sobre os países periféricos na divisão internacional do trabalho intelectual é reconhecido, por exemplo, no estabelecimento do inglês como língua franca da ciência. Mas também deixa sua marca na escolha dos temas de pesquisa, na forma como as questões de pesquisa são redigidas, bem como na escolha das metodologias e nos critérios utilizados para avaliar os conhecimentos produzidos (Beigel e Sabea, 2014; Zukerfeld, 2008).

A noção de conhecimentos situados surge a partir da problematização e dos debates sobre a ideia de objetividade do conhecimento científico proposta pelo positivismo. Na confluência do feminismo e suas observações sobre as formas patriarcais de fazer ciência, e a derrota do pós-modernismo com o problema irresolúvel do relativismo que lhe está associado, Donna Haraway (1995) coloca o foco nas práticas científicas, ou seja, no trabalho que os cientistas fazem e, fazendo uma leitura crítica dessas práticas, nos diz que:

- Os sujeitos que conhecemos não são universais, não são homogêneos.
- Os cientistas estão imersos em uma cultura, têm ideais aos quais aspiram, têm ideologias que condicionam as formas como entendem o objeto que pretendem estudar e, não menos importante, ocupam posições de poder.
- As experiências colocam o olho do observador numa posição dominante em relação ao objeto que está sendo estudado, o que, por vezes, pode ser experimentado como violento.

Entendidas assim as práticas científicas, admitindo a existência de seus componentes axiológicos, ideológicos e culturais, os conhecimentos perdem sua aspiração de serem objetivos, universais e neutros. Os estudos feministas da ciência nos dizem que, ao contrário, são conhecimentos que estão sempre incorporados, que são parciais e situados. Para a proposta filosófica feminista, a parcialidade do conhecimento, longe de diminuir o valor do trabalho dos cientistas, torna-se um apelo à responsabilidade. É um convite para que eles tornem explícita a posição a partir da qual pretendem conhecer os fenômenos que estudam.

Estudos de Geografia Histórica

Por outro lado, Nigel Thrift e outros autores da geografia crítica abrem o campo das ciências sociais a uma concepção relacional e política do espaço. Em consonância com o pensamento feminista, sobretudo com Haraway, Thrift (1996) sustenta que os limites entre sujeito e objeto são difíceis de traçar. Interessado nos estudos sobre as práticas mais do que nos estudos sobre teorias científicas, e preocupado com as questões ligadas à agência, ou seja, com o que os atores fazem no mundo e como e por que o fazem, este autor critica a ideia cartesiana do sujeito dividido, “tanto porque o interior e o exterior do sujeito se dobram um dentro do outro, quanto porque as coisas que convencionalmente representamos como objetos, por exemplo, as máquinas, são permitidas no âmbito da ação e do ator” (p. 2).

Nossa equipe de trabalho encontrou outras coincidências entre as propostas feministas e as realizadas por esses geógrafos. Podemos mencionar, principalmente, a apreciação pelas teorias não representacionais do mundo; a noção de que o mundo das ideias é compreendido a partir de sua colocação em prática (o que eles chamam de pensamento em ação); a crítica à predominância do sentido da visão na compreensão de como levar adiante os processos de investigação; e o interesse em entender a cognição em termos de ser corporeizada e situada, entre os que mais se destacam.

Gostaríamos aqui de reconhecer a contribuição dos geógrafos para a noção de conhecimento situado a partir de suas reflexões sobre os contextos em que ocorrem os fenômenos que se deseja conhecer. Para Thrift, os contextos não são cenários onde os eventos acontecem, onde as pessoas agem. “Em vez disso, considero que o contexto é um elemento constitutivo necessário da interação, algo ativo, diferencialmente extenso e capaz de problematizar e trabalhar sobre os limites da subjetividade” (p. 3). Esse caráter de ser ativo aproxima os contextos da ideia de que eles têm um valor performativo. Shotter (como citado em Thrift, 1996, p. 43) entende que “em vez de vivermos ‘no’ espaço e no tempo, explicamos o tempo e o espaço de forma prática, em relação ao nosso modo de vida.” Em outras palavras, os sujeitos se comportam, pensam, sentem, falam e se relacionam com outros sujeitos de acordo com os espaços-tempos que habitam.

A Construção de Conhecimentos Situados

Seguindo o antropólogo colombiano Piazzini Suárez (2014), gostaríamos de propor que os conhecimentos sejam reconhecidos como situados porque surgem de processos reflexivos e críticos e não porque são gerados em uma determinada localização geográfica. Especialmente para o nosso tema de reflexão, nos interessa distinguir entre o conhecimento local (formulado por cientistas, pesquisadores e professores da região, em oposição ao conhecimento global, proveniente da Europa e da América do Norte) e o conhecimento situado. Em outras palavras: o conhecimento produzido na América Latina nem sempre é situado, às vezes é apenas local. Assim, situar todo o conhecimento em seu contexto histórico e social é necessário, mas não é suficiente para que ele seja considerado situado.

O conhecimento situado não é uma condição a priori, mas o resultado de um trabalho de construção que parte das experiências e dos conhecimentos que alguns coletivos (países, regiões, comunidades) possuem do mundo e que busca transformá-lo. Não se trata de geografia, mas de geopolítica. O conhecimento situado contém uma dimensão política, uma dimensão de articulação com as diversas instâncias e atores que exercem o poder.

O que significa articular as práticas científicas com o poder? Para responder a essa pergunta e, circunscrevendo o alcance da resposta ao campo da musicoterapia na América Latina, nos somamos às reflexões de autores que trabalham a partir de perspectivas decoloniais (Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Rita Segato). De acordo com eles, propomos

que os conhecimentos disciplinares possam ser considerados situados na medida em que se tornem explícitos os critérios com os quais são avaliados aqueles que estão envolvidos em sua construção (professores, estudantes, pesquisadores, acadêmicos); eles serão situados na medida em que forem reconhecidos os componentes raciais, culturais, de classe e de gênero daqueles que praticam a musicoterapia na região.

Quanto aos aspectos metodológicos ligados à construção de conhecimentos situados, não encontramos referências na literatura que identifiquem métodos particulares e específicos que possam garantir os resultados de sua aplicação. Para Harding (1987), seja qual for o método ou a estratégia, trata-se de levar em conta a multiplicidade de pontos de vista que fazem parte do fenômeno que se deseja estudar e de levar adiante as práticas científicas com três perguntas-chave: como o conhecimento é produzido, de onde e para quem. Ela sugere, então:

- Ouvir com atenção os sujeitos que são protagonistas das experiências ou dos fenômenos, ou que convivem com eles
- Questionar os pontos de vista hegemônicos ou tradicionais sobre como abordar a investigação do fenômeno
- Observar não apenas o fenômeno, mas também o que o rodeia; observar aquilo que, para as abordagens tradicionais da ciência, não é relevante
- Buscar “padrões de organização dos dados históricos não reconhecidos anteriormente” (p. 11).

Piazzini Suárez (2014) considera que a objetividade parcial dos pesquisadores, longe de diminuir o valor dos conhecimentos que constroem, se transforma em um privilégio epistêmico, uma vez que os sujeitos, fortemente envolvidos em seus contextos sociais e culturais, podem dar melhor conta dos fenômenos que desejam conhecer. Assim, o privilégio epistêmico concede autoridade, justifica a pertinência e fortalece a validade dos processos de construção do conhecimento:

As crenças e comportamentos do pesquisador fazem parte das evidências empíricas a favor (ou contra) dos argumentos que sustentam as conclusões da pesquisa. E essas evidências devem ser submetidas à análise crítica, assim como o conjunto de dados que geralmente é definido como evidência relevante. A introdução desse elemento “subjetivo” à análise aumenta, de fato, a objetividade da pesquisa, ao mesmo tempo em que diminui o “objetivismo” que tende a ocultar esse tipo de evidência do público. (Harding, 1987, p. 26)

Conhecimentos Situados e Musicoterapia

Como parte da comunidade disciplinar da Musicoterapia da América Latina, temos sido frequentemente questionados pelos condicionamentos dos processos de construção de conhecimento que ocorrem na região. Alguns são econômicos, outros acadêmicos, outros culturais; todos fazem parte desses contextos performativos de que fala Thrift (1996).

Ao considerar a performatividade dos contextos, encontramos um argumento poderoso para poder afirmar, por exemplo, que a avaliação das narrativas de experiências profissionais de colegas que escrevem em países periféricos com os critérios aplicados aos países centrais é, em princípio, um ato de injustiça epistêmica (Fricker, 2007). Entendemos, então, que estamos em condições de reivindicar o privilégio epistêmico de que falava Piazzini Suárez (2014). Fazemos parte do fenômeno que desejamos conhecer e estamos fazendo um exercício de reflexão crítica com o objetivo de compreender a noção de conhecimentos situados e sua circulação pela comunidade musicoterapêutica da região. Perguntamo-nos, em primeiro lugar, se o uso que fazemos da noção de conhecimentos situados não é mais um caso de apropriação acrítica de noções teóricas provenientes de outros campos do conhecimento, como acontece, por exemplo, com a noção de território.

Não temos uma resposta certa para essa inquietação, não sabemos com precisão quais significados os musicoterapeutas latino-americanos atribuem à expressão “conhecimentos situados.” Às vezes, parece que o adjetivo “situado” é usado para falar de um conhecimento que se reconhece como emergente do trabalho com os sujeitos e com as comunidades que habitam um espaço próximo e familiar.

Seguindo o trabalho da epistemóloga feminista Sandra Harding, nos animamos a levantar algumas questões para o campo da Musicoterapia, dirigidas tanto às reflexões teóricas da disciplina e da pesquisa quanto à fundamentação das práticas musicoterapêuticas em diferentes âmbitos: clínicos, educacionais e/ou comunitários.

Para o campo das reflexões teóricas:

- a. Que aspectos das experiências musicais que compartilhamos com os pacientes ainda não foram descritos pelas reflexões teóricas de nossa disciplina? Por exemplo, incluímos nelas os cenários em que as práticas musicoterapêuticas ocorrem?
- b. Questionamos a noção de música, que é central para a musicoterapia?
- c. Que exigências temos para que as intuições, o senso comum e as crenças se transformem em conhecimentos aceitos pela comunidade científica disciplinar?
- d. Como incorporamos às nossas teorias as experiências dos pacientes, de seus familiares e de nossos colegas das equipes de saúde?

Para o campo da pesquisa:

- a. Que tipo de perguntas os musicoterapeutas pesquisadores fazem sobre o fenômeno que desejam investigar? “As perguntas que são formuladas—e, acima de tudo, aquelas que nunca são formuladas—determinam a pertinência e a precisão de nossa imagem global dos fatos tanto quanto qualquer uma das respostas que possamos encontrar” (Harding, 1987, p. 21).
- b. Que posicionamento os musicoterapeutas assumem em relação aos seus objetos de estudo?
- c. Que métodos são utilizados para construir conhecimentos sobre o que pretendem saber? Como se justifica a escolha do método de investigação?
- d. Como são formadas as unidades de análise das matrizes que usamos para o tratamento dos dados?
- e. Que ideias científicas estão por trás das investigações que nos propomos?
- f. Exploramos as possibilidades oferecidas pela etnografia, pela autoetnografia e por outras técnicas de construção de dados?
- g. O método científico, sua aplicação rigorosa, protege o objeto de estudo da subjetividade do pesquisador. Como explicamos que isso é exatamente o que não queremos que aconteça?
- h. Para quem esse problema de pesquisa é um “problema”? A pesquisa situada delimita suas problemáticas a serem investigadas a partir da perspectiva da experiência dos pacientes.
- i. Como investigariamos o que sentem os pais de uma criança com deficiência que toca em uma banda, ou o prazer que alguém sente ao cantar em um coral?

Para o campo das práticas:

- a. Que tipo de perguntas os musicoterapeutas fazem sobre as pessoas e as situações em que vão intervir?
- b. Que posicionamento assumem em relação a elas?
- c. Que atitudes são postas em jogo para se aproximar daqueles que pretendem intervir?

Conclusões

No final deste breve ensaio, reconhecemos o poder epistêmico da noção de conhecimentos situados, ou seja, sua força para gerar processos de construção de conhecimentos. Tal como a apresentamos, essa noção vem acompanhada de desafios para o campo das teorias, práticas e pesquisa da Musicoterapia na região.

Em sua articulação com a dimensão política da disciplina, os musicoterapeutas latino-americanos enfrentam, além disso, os desafios relacionados à circulação do conhecimento, em particular, com o problema das traduções. Seguindo Haraway (1995), as traduções são um problema quando associadas a um posicionamento reducionista, ou seja, quando existe uma linguagem que se impõe como norma, como linguagem padrão, e todas as traduções têm que ser feitas a partir dela. Na América Latina, o sentido em que o conhecimento disciplinar circula parte dos países centrais para se dirigir aos periféricos (por meio da tradução) e raramente ocorre no sentido inverso. Nós nos perguntamos por quê e rapidamente encontramos as respostas nos trabalhos dos “conhecedores situados” que se inscrevem nas perspectivas decoloniais. Uma delas, a antropóloga Rita Segato (2021), faz uma proposta que nos parece particularmente interessante: diante da pretensão hegemônica dos relatos que invisibilizam os lugares de enunciação, ela nos convida a contrapor os conhecimentos situados.

Segato propõe construir retóricas de valor para nossos conhecimentos, ou seja, ela nos impulsiona a pensar nas estratégias discursivas que devemos colocar em jogo para convencer, e convencer a nós mesmos em primeiro lugar, de que o que fazemos e o que pensamos sobre o que fazemos é valioso em termos epistêmicos. Em outras palavras, que nós, musicoterapeutas latino-americanos, podemos fazer valer nosso privilégio epistêmico para dar conta do que acontece quando fazemos musicoterapia na região.

Agradecimentos

Os autores agradecem o trabalho dos revisores. Ambos os colegas nos permitiram encontrar no manuscrito algumas formulações imprecisas de nossas ideias, o que nos convida a nos esforçarmos com o objetivo de alcançar maior clareza para elas. Agradecemos também a menção dos autores latino-americanos que incorporaram a noção de conhecimentos situados em suas áreas de trabalho, bem como a menção dos musicoterapeutas que se ocuparam do tema em outras regiões do mundo. O fato de não os termos incluído no artigo deveu-se ao fato de nosso interesse principal ter se concentrado em conhecer a genealogia da ideia, e não seus desenvolvimentos posteriores.

Sobre os Autores

Emanuel Cerebello González: Mestre em Educação Superior (USEK). Musicoterapeuta (UBA), Diplomado em Rítmica Dalcroze (EM), Diplomado em Investigação Científica (USEK), Diplomado em Planejamento e Avaliação da Aprendizagem (USEK), Diplomado em Metodologia em Educação Superior (USEK).

Angélica Chantré Castro: Médica cirurgiã, especialista em pediatria com mestrado em Musicoterapia (Colômbia). Realizou pesquisas e prática na área clínica com pacientes oncológicos, com demência e cuidadores.

Ernesto Erdmenger Orellana: Profissional em piano e psicólogo com mestrado em Musicoterapia Humanista e Gestalt. Coordenador da Comissão de Publicações da Associação de Musicoterapeutas do México. Comissário do México para a Comissão de Construção de Conhecimento no CLAM.

Virginia Tosto: Licenciada en Musicoterapia. Doutoranda en Epistemología e História da Ciência com uma pesquisa sobre Cognição Musical Corporificada. Desenvolve suas práticas profissionais na área de ensino e supervisão. Membro da Associação Argentina de Musicoterapia. Membro da Comissão de Construção de Conhecimento (Comité Latino-Americano de Musicoterapia).

Referências

- Beigel, F., & Sabea, H. (Coords.). (2014). *Dependencia académica y profesionalización en el Sur. Perspectivas desde la periferia [Dependência acadêmica e profissionalização no Sul. Perspectivas da periferia]*. Universidad Nacional de Cuyo.
- Cerebello-González, E. C., Chantré, A., Erdmenger, E., y Tosto, V. (2023, 4 de abril). *Musicoterapia desde las tradiciones orales [Musicoterapia a partir das tradições orais]* [Audio podcast]. Spotify. Comisión de Construcción de Conocimientos – CLAM. <https://open.spotify.com/episode/60dpqijw47morcf55CReBj?si=2b7d24fc1df94377>
- Cerebello-González, E. C., Chantré, A., Erdmenger, E., y Tosto, V. (2023, 25 de julio). *Reflexiones sobre la escritura [Reflexões sobre a escrita]* [Audio podcast]. Comisión de Construcción de Conocimientos – CLAM. Spotify. <https://open.spotify.com/episode/60dpqijw47morcf55CReBj?si=28efaf7cfbea4168>
- Chantré, A., Erdmenger, E., y Tosto, V. (2023, 25 de julio). *Entrevista a Gustavo Gattino [Entrevista com Gustavo Gattino]* [Video podcast]. Comisión de Construcción de Conocimientos – CLAM. <https://youtu.be/Y2Ny7hi8qho?si=vo4qw5zpg1bhRZUc>
- Comisión de Construcción de Conocimientos – CLAM. (2022, octubre). *Análisis de las revistas latinoamericanas de Musicoterapia [Análise das revistas latino-americanas de musicoterapia]*. [Póster]. VIII Congreso Latinoamericano de Musicoterapia, Argentina. <https://view.genially.com/62ea65e9efbaed0011c375f2/interactive-content-analisis-de-las-revistas-de-musicoterapia-latinoamericanas>
- Fricker, M. (2007). *Injusticia epistémica. El poder y la ética del conocimiento [Injustiça epistêmica. O poder e a ética do conhecimento]*. Herder.
- Haraway, D. (1995). *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza [Ciência, ciborgues e mulheres. A reinvenção da natureza]*. Ediciones Cátedra.
- Harding, S. (1987). ¿Existe un método feminista? [Existe um método feminista?]. En S. Harding (Ed.), *Feminism and methodology*. Indiana University Press.
- Piazzini Suárez, C. (2014). Conocimientos situados y pensamientos fronterizos: Una relectura desde la universidad [Conhecimentos situados e pensamentos fronteiriços: Uma releitura a partir da universidade]. *Geopolítica(s)*, 5(1), 11–33. https://doi.org/10.5209/rev_GEOP.2014.v5.n1.47553
- Segato, R. (2021). *Contra-pedagogías de la crueldad [Contra-pedagogias da crueldade]*. Prometeo Libros.
- Thrift, N. (1996). *Spatial formations [Formações espaciais]*. SAGE Publications Ltd.
- Zambonini, J., Díaz Abraham, V., & Tosto, V. (2022). La formalización de las prácticas profesionales en Musicoterapia. Una aproximación al estudio de la construcción de conocimientos disciplinares en América Latina [A formalização das práticas profissionais em Musicoterapia. Uma aproximação ao estudo da construção de conhecimentos disciplinares na América Latina]. *Espacios en Blanco. Revista de Educación*, 32(2), 83–95.

<https://www.redalyc.org/journal/3845/384569922010/html/>

Zuckerfeld, M. (2008). Capitalismo cognitivo, trabajo informacional y un poco de música [Capitalismo cognitivo, trabalho informacional e um pouco de música]. *Nómadas (Col)*, (28), 52–65.